

Pão francês puxa inflação de Brasília

Na última semana de outubro, preços ao consumidor aumentaram 0,5% no Distrito Federal

Marcos Brandão

Lizael Costa

Crise e especulação inflacionaram em 0,5% os preços na capital federal, na apuração realizada na quarta e última semana de outubro deste ano, segundo o Índice de Preços ao Consumidor Semanal da cidade de Brasília (IPC-S/Brasília), divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas. O resultado foi 0,31 ponto percentual superior ao divulgado na terceira semana de outubro, que ficou em 0,19%.

Nesta mais recente edição da pesquisa, quatro das sete classes de despesa que compõem o índice apresentaram aceleração em suas taxas. Entre elas se destacam transportes e alimentação, cujas taxas passaram de -1,42% para 0,77%, e de 0,5% para 0,93%, respectivamente.

A pesquisa mostra ainda que as pressões acima da variação média foram exercidas principalmente por alimentação, com 0,93%, transportes, com 0,77%, e vestuário, com 0,73%.

As maiores pressões de alta foram exercidas pelo pão francês. O pãozinho já havia subido 3,69% na terceira semana de outubro e pulou para 6,12% na quarta semana. Na sequência, vem a gasolina, que baixara 3,03%, mas desta vez subiu 1,19%. Em sentido contrário, os produtos que apresentaram maior deflação foram a cenoura, que de -18,06% caiu para -20,94% e o tomate, que de 0,5% baixou para -5,19%.

Assimetria de informações

Segundo o economista Newton Marques, do Conselho Regional de Economia do DF (Corecon-DF), nos momentos de crise sempre existem agentes econômicos que querem se aproveitar do clima e trabalham com a desinformação para subir os preços.

— Nesse momento de incertezas, nós economistas sempre detectamos a chamada *assimetria de informações*, áreas em que os bem-informados sobre os acontecimentos usam esse trunfo para se aproveitar da situação e aumentar preços — analisa.

Para Marques, a alta também



JANETE — Se padaria aumentar preço, saída será recorrer a supermercado

pode ser creditada a outros fatores, como a subida do Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), que influencia os aluguéis, além da inflação.

— Os aluguéis puxam o índice inflacionário, mas também não podemos esquecer que no caso da alimentação, o pão francês deu uma subida significativa, puxado pela alta do dólar, já que o trigo é negociado nesta moeda — assegura.

Termômetro de consumo

O pão francês não deixa de ser um termômetro de consumo, segundo Newton Marques, já que, mesmo com os preços mais altos, o consumidor não deixa de comprar o alimento. Com a alta do dólar, o empresário Maurino Ramos, proprietário da Trigopan, da Asa Sul, diz que por enquanto, o preço do pão não mudou em seu estabelecimento, mas não sabe até quando segurará os custos.

— A gente sente que o dólar está flutuando muito. Se continuar alto,

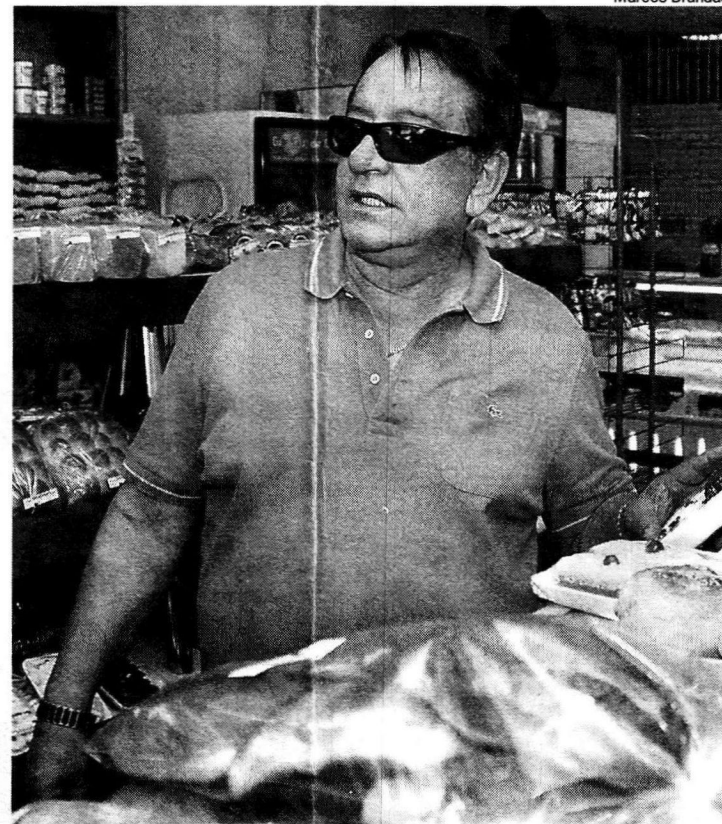
“ Os aluguéis puxam o índice inflacionário, mas não podemos esquecer que o pão francês subiu de modo significativo, puxado pela alta do dólar

Newton Marques, do Conselho Regional de Economia

o trigo vai continuar caro e teremos que reajustar o preço do pão — alega.

Para o operador de caixa Ed Carlos dos Santos, se o preço do pão francês ficar inviável, ele será obrigado a mudar a refeição matinal.

— Meu dinheiro é contado no final do mês. Quero continuar comprando meus três pães por dia, mas se ficar muito caro, diminuo para dois ou até compro outro



MAURINO — Trigo, pago em dólar, pressiona preços de produto para cima

“ Quero continuar comprando três pães por dia, mas se ficar muito caro, diminuo para dois ou até compro outro produto, no meu orçamento

Ed Carlos dos Santos, operador de caixa

produto que esteja no meu orçamento — garante ele.

Sem deixar de consumir

Já a professora Janete de Andrade lembra que existem muitas opções para não deixar de comprar o mais popular alimento matinal todos os dias.

— Eu gosto de vir às padarias pela variedade e delícias que encontro por aqui. Entretanto, se o pão francês

ficar muito caro, continuarei comprando, mas no supermercado, onde, com certeza, vou encontrá-lo com preços mais baixos — ensina.

A professora não acredita que a crise vá afetar profundamente os preços de produtos básicos para a alimentação do brasileiro, como o pãozinho.

— Já atravessamos épocas piores em termos financeiros e nunca deixei de consumir alguns produtos. O pão francês é um deles — assegura.

Compensações nos preços

Enquanto o pão francês fica na berlinda como o vilão da vez, produtos como a cenoura e o tomate puxam o cordão dos que puxaram para baixo a inflação. Estão nesse caso a cebola, o mamão papaya e o queijo mussarela.

— Nesses índices de preços, existem as compensações, pois se um produto básico sobe demais, ou outro desce e assim o consumidor vai apertando onde melhor lhe convier — justifica Janete.